

Esta pesquisa foi realizada com apoio financeiro do INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais e com a total colaboração das escolas de 2º grau de Campinas especialmente as amostradas para este estudo. Apresentado na Seção de Comunicação Oral da 34ª Reunião da SBPC.

2348

TERMINALIDADE GERAL E CONTINUIDADE DE ESTUDOS DE 2º GRAU: EXPECTATIVAS CONGRUENTES?

*Maria Inês Fini Leite Vicentini
e Mucio Camargo de Assis*

Da Faculdade de Educação — UNICAMP

RESUMO

O principal propósito desta pesquisa foi a verificação da correspondência entre as expectativas e necessidades dos alunos das escolas de 2º grau aos princípios de terminalidade geral e continuidade de estudos tais como apresentados pela doutrina da atual reforma de ensino. Adotou-se o paradigma proposto por Getzels para a abordagem da escola como sistema social onde se relacionam as dimensões normativas, representadas neste trabalho pelas expectativas dos professores e equipe técnica das escolas e a dimensão pessoal ou nível idiosincrático representada pelas expectativas e aspirações dos alunos. Envolve portanto duas classes de fenômenos: uma, a do nível nomotético representado pelos papéis institucionais e outra, o nível idiosincrático representado pelas disposições de personalidade dos alunos. Todos os relacionamentos dentro do "sistema" (escola) estão inextricavelmente ligados à comunidade onde a escola está inserida, representada neste trabalho por empresários que em suas atividades utilizam mão-de-obra advinda das escolas de 2º grau. Os resultados obtidos nas quatro sub-populações permitem concluir pela incongruência entre as expectativas pessoais e institucionais e evidenciam que o aluno busca a escola de 2º grau basicamente como forma de realização pessoal e esta inclui a tendência acentuada à continuidade de estudos onde a terminalidade só aparece muito mais como condição para a continuidade e não como um fim em si mesma. Trabalho desenvolvido com o apoio financeiro do INEP.

SUMMARY

The main scope of this study is to examine the relationship between the expectations and needs of high school students and general terminality and continuity of studies principles as presented by the actual renewal of the teaching doctrine. This research has adopted the Getzels approach that views the school as a social system. This deals with two normative dimensions represented in this study by the expectations of teachers and team of school specialist and the personal dimension (at idiosyncratic level) represented by students expectations and aspirations. It deals with two classes of phenomena: on one hand, at nomothetic level, the roles and normative expectations, on the other hand, at idiosyncratic level, students personalities and dispositions. All the interactions occurred in the school are inextricably related to the community context, represented in this study by managers that use the work from the high school students. Results obtained in this study subgroups allow us to conclude that there is incongruities between the personal expectations and the institutional expectations. It shows that students books for realization in the high school and it represent for them to go the university. Terminality is condition to survive and support to universitaire studies. This study was realized with INEP support.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Justificativa

Dentre os princípios sobre os quais se apóia a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — Lei 5692 — os de *terminalidade geral* e *continuidade* foram propostos como de fundamental importância para o bom funcionamento, equilíbrio e eficácia de nossos sistemas de ensino. Esses dois princípios, concebidos pelos autores de nossa atual reforma de ensino como harmônicos e complementares entre si, deveriam através de sua institucionalização contribuir para a solução de certos impasses tradicionalmente presentes na educação brasileira, principalmente a necessidade de promover terminalidade desejável a todas as fases e estágios do trabalho formativo de nossa juventude dentro do sistema educacional.

A satisfação desta necessidade implica uma série de providências para garantir continuidade, direcionadas em termos de integração social desta mesma juventude através de formas efetivas de realização humana e profissional para a efetivação de sua participação solidária na vida em sociedade.

As viabilidades de satisfação desta necessidade são explicitadas no texto legal (Art. 1º), como “objetivo geral” para o ensino de 1º e 2º graus e expressa um dos imperativos mais significativos de todo o processo de escolarização, qual seja: “o desenvolvimento de potencialidades como forma de auto-realização”, “qualificação para o trabalho” e “exercício consciente da cidadania”.

Nos propósitos legais do modelo proposto pela Lei 5692, ganha destaque o desafio representado pela necessidade de compatibilizar formação geral com iniciação para o trabalho e habilitação profissional.

Esta compatibilização se propõe como solução para erradicar o academicismo estéril verificado no modelo educacional de até então, bem como promover uma mudança de mentalidade na formação cultural brasileira, que se propunha elitista e preconceituosa em relação à noção de trabalho humano. Na nova lei, o trabalho foi proposto como forma de realização humana e profissional como a possibilidade de o homem vislumbrar o produto de sua própria criatividade.

Historicamente considerado, o princípio de continuidade sempre esteve presente na educação brasileira, seja devido a uma certa inadequação do nosso sistema de ensino às nossas reais necessidades ou às próprias aspirações de sua clientela que, na maioria das vezes, via nos estudos acadêmicos e no diploma de um curso superior o maior prêmio que a escolarização formal lhe poderia proporcionar.

Todavia, a generalização do princípio da *terminalidade*, como um dos objetivos a ser atingido pela escola de 2º grau, foi sem dúvida uma medida inovadora, que colocou uma série de novos problemas a serem enfrentados pelos nossos sistemas de ensino. Assim é que se tem questionado desde os princípios da filosofia e política educacional que lhe são subjacentes, até a viabilidade das soluções práticas encontradas pelos diversos sistemas para sua implementação.

Em 1978, na sua fala perante a Comissão de Educação do Senado, o Senhor Presidente do Conselho Fede-

ral de Educação comunicou que “fará extensa e profunda pesquisa sobre ensino de 2º grau (...) que não está recebendo atenção necessária”, acrescentando ainda que “estamos saindo de duas reformas e acho leviano pensar em modificá-las sem antes sabermos seus efeitos”.

Em que pese esta afirmação, são poucos os esforços sistemáticos existentes para investigar estes efeitos.

Efetivamente, a partir da análise da realidade de nossos sistemas de ensino a nível de 2º grau, de modo particular no Estado de São Paulo, parece ser possível constatar que as expectativas definidas em 1971 não se concretizaram em grande parte. Parece que, de alguma forma, não se observou a esperada harmonia e complementariedade do binômio *terminalidade geral* e *continuidade*, e dessa maneira nosso sistema continua a se reger pelos mesmos padrões tradicionalmente existentes. Muitos concluem, diante desta situação, que o modelo elaborado para nossa escola de 2º grau é totalmente inadequado quando confrontado objetivamente com nossas características, necessidades e possibilidades. Alega-se frequentemente que certos fatores, tais como a natureza e a capacidade de absorção do mercado de trabalho, a inexistência de recursos humanos nos sistemas de ensino, o elevado custo das escolas profissionalizantes, e outros mais, são barreiras praticamente intransponíveis não consideradas devidamente pelos autores do modelo. No Seminário sobre a Lei 5692/71 (Blumenau SC - 16 a 21 de abril de 1981), educadores de todo o Brasil reuniram-se para debater os dez anos de implantação da lei 5692/71¹. Ao final do encontro, foi distribuído um manifesto que, entre outras críticas e reivindicações, destaca: o caráter autoritário com que foi imposta a lei 5692/71 como um dos fatores responsáveis pelo despreparo dos professores, administradores educacionais que tiveram suas experiências e reivindicações descartadas da proposta da lei como um dos aspectos explicativos de sua não implantação na forma prevista originalmente, até hoje. Afirma, também, que seu caráter pseudo-profissionalizante enfraquece o conteúdo básico do ensino e reivindica, entre outras medidas de caráter mais geral, o fim da pretensão de ministrar ensino profissionalizante a todos no 2º grau.

No Simpósio sobre Ensino Profissionalizante (Brasília — 6 a 9 de outubro de 1981) promovido pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara de Deputados, a maioria dos participantes mostrou descrença em relação ao ensino profissional, evidenciando as contradições da lei 5692/71. Esta contradição foi especialmente evidenciada pela grande procura, por parte dos egressos dos cursos de 2º grau, de ingresso na universidade, esta sim, tida como oportunidade de ascensão social, negando desta forma, o caráter terminal deste ciclo de estudo².

Busca-se, também, em análises clássicas feitas desde 1971, os determinantes históricos e econômicos para o Binômio *terminalidade-continuidade*. Dentre estes tra-

¹ Jornal da Educação, in *Educação e Sociedade* (10), setembro 1981, p. 153.

² Folha de S. Paulo (7/10/81)

balhos destaca-se Cunha, 1977³.

Todavia, análises desse tipo são necessariamente incompletas, pois não cogitaram de levar em consideração aqueles que deveriam ser os principais beneficiários do modelo proposto, isto é, os alunos. Parece que qualquer julgamento que se pretende fazer do modelo proposto para o ensino de 2º grau pela Lei 5692, para ser objetivo e válido, tem que levar em consideração os princípios da *terminalidade geral* e da *continuidade de estudos* e as relações que apresentam com a clientela a que eles se destinam.

Tendo-se em vista a necessidade de acrescentar dados relacionados com a clientela escolar para se julgar a realidade do modelo estabelecido pela Lei 5692 para o ensino de 2º grau — e de modo específico os princípios de *terminalidade geral* e *continuidade de estudos* — propôs-se a realização desta pesquisa, realizada durante os anos de 1979 e 1980.

O problema foi proposto em três diferentes abordagens embora a investigação se dirija para uma mesma realidade:

“Os princípios da *terminalidade geral* e *continuidade de estudos* tais como apresentados pela doutrina da atual reforma de ensino, correspondem às expectativas e necessidades dos alunos das escolas de 2º grau?”

“A implantação da *terminalidade geral* nas escolas de segundo grau tem atingido seus objetivos em relação ao preparo para o trabalho e ao ingresso no mercado de trabalho dos alunos das escolas de 2º grau?”

“A implantação da *terminalidade real* tem atingido seus objetivos no sentido de possibilitar e favorecer a *continuidade de estudos* dos alunos egressos do 2º grau?”

Buscou-se levantar dados concernentes a alunos e professores de escolas de 2º grau, alunos da Universidade Estadual de Campinas e empresas que empregam alunos egressos de cursos profissionalizantes de 2º grau, localizados no município de Campinas, Estado de São Paulo.

2. DIAGRAMA DE PESQUISA

O modelo de análise do problema proposto pode ser melhor visualizado no Diagrama de Pesquisa que se apresenta a seguir.

Neste trabalho, adotou-se o paradigma proposto por Getzels⁴ para a abordagem da escola como um sistema social onde se relacionam as dimensões normativas, representadas neste trabalho pelas expectativas legais expressas na lei 5692/71, e a dimensão pessoal ou nível idiossincrático representada pelas expectativas e aspirações dos alunos, dos professores e equipe técnica das escolas. Envolve portanto duas classes de fenômenos: uma, a do nível nomotético representado pelos papéis e expectativas institucionais e outra, o nível idiossincrático representado pelas disposições de personalidade dos alunos. São fenômenos conceitualmente independentes e fenomenalmente interativos.

Todos os relacionamentos dentro do “sistema” (escola) estão inextricavelmente ligados à comunidade onde a escola está inserida.

Nesta pesquisa, a comunidade está diretamente representada por empresários que em suas atividades utili-

zam mão-de-obra advinda das escolas de 2º grau, pois de certa maneira suas expectativas evidenciam a efetividade da *terminalidade real* proposta pela Lei 5692. Também representa a comunidade onde a escola está inserida, a opinião de alunos egressos dos cursos de 2º grau que freqüentam hoje a universidade, com respeito às relações entre a escola de 2º grau, e a universidade no sentido da *continuidade* proposta pela Lei.

No diagrama da página seguinte, fonte constitui-se de expectativas legais que sustentam as variáveis em estudo. Acham-se também especificados para melhor compreensão os instrumentos e seus respectivos itens relacionados a cada variável em estudo.

Desta forma, o modelo que se segue permite visualizar: a fonte geradora de expectativas; o que se vai estudar (variáveis); qual o instrumento utilizado e o que e como ele pode medir o fenômeno em cada variável.

3. METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa descritiva — *survey*. Buscou dados concernentes a expectativas e aspirações de alunos de cursos profissionalizantes de 2º grau em relação à *terminalidade* e *continuidade* previstas na Lei 5692. Foi dirigida para a situação vivida hoje no ensino de 2º grau, tal como se apresenta configurado pelas peculiaridades organizacionais das escolas de 2º grau da cidade de Campinas.

No projeto global foram observados os seguintes passos:

1. Construção do instrumento nº 1 — “Caracterização das escolas de 2º grau”.
2. Entrevista com diretores das escolas para obtenção de permissão para proceder a este estudo.
3. Caracterização organizacional das escolas de 2º grau de Campinas para definição das amostras.
4. Definição da Amostra de alunos que estão cursando o 2º grau nos anos 1979/1980, nas escolas amostradas.
5. Definição da amostra de professores e membros das equipes técnicas das escolas de 2º grau amostradas.
6. Definição da amostra de alunos egressos das escolas de 2º grau amostradas e que nos anos de 1979 e 1980 estão matriculados na UNICAMP.
7. Definição da amostra de empregados e/ou supervisores de indústrias da Região de Campinas, que ocupam mão-de-obra relacionada com habilitação oferecidas pelas escolas amostradas.
8. Construção dos instrumentos: nº 2 — Questionário dos alunos que estão cursando o 2º grau; nº 3 — Questionário — Entrevista dos professores que lecionam no 2º grau; nº 4 — Questionário — Entrevista dos alunos

³ CUNHA, L. Antônio — Política Educacional no Brasil: A profissionalização no Ensino Médio, Eldorado, Rio de Janeiro, 1977.

⁴ GETZELS, J.W. — “A Social Psychology of Education”, in Lindzey and Aronson (ed). The Handbook of Social Psychology, 2ª ed., vol. 5, Addison Wesley Publishing Co., N.Y., 1969.

egressos do 2º grau que atualmente cursam a Universidade; nº. 5 — Roteiro de Entrevista com empregadores e/ou supervisores de Indústrias.

9. Testagem e aplicação dos instrumentos 2, 3, 4 e 5.
10. Organização, Tratamento e Análise dos Dados.
11. Elaboração do Relatório Final.

QUADRO 1

Fonte: "Expectativas Legais"	Variáveis	Instrumentos	Fatores
"Cada um deve construir seu destino com escolhas correspondentes às suas aspirações e qualidades individuais" (Mensagem Governamental)	"Os princípios da terminalidade geral e continuidade de estudos tais como apresentadas pela doutrina da atual reforma de ensino correspondem às expectativas dos alunos das escolas de 2º grau".	Questionário Instr. nº 02 Alunos Atuais	<ol style="list-style-type: none"> 1) Você poderia enumerar quais as principais razões que o levaram a realizar os seus estudos de 2º grau? 2) Quando você escolheu a habilitação de 2º grau que você cursou, quais as outras opções que você poderia ter feito? Porque escolheu esta? 3) O curso de 2º grau que você realizou correspondeu às suas principais necessidades? E as suas aspirações? Por que? 18) Se você pudesse escolher novamente o curso de 2º grau, você mudaria de habilitação? 19) E de Escola, você mudaria? Por que?
"A educação deve: promover o desenvolvimento das potencialidades do educando; promover a auto-realização; qualificar para o trabalho e preparar para o exercício de uma cidadania consciente" (Relatório do Grupo de Trabalho)		Questionário Instr. nº 03 Professores e Equipe Técnica	<ol style="list-style-type: none"> 1) Segundo seu modo de ver, quais as principais razões que levam os alunos desta escola a realizar estudo de segundo grau e, a escolher uma das diversas habilitações oferecidas pela escola. 2) Segundo seu modo de ver, os estudos de 2º grau, como organizados nesta escola em decorrência da atual reforma de ensino oferecem elementos para satisfazer os valores e aspirações dos alunos que nela estudam? 3) Se lhes fosse dada ampla liberdade para organizar os estudos de 2º grau desta escola, você introduziria mudanças no currículo desse nível de ensino a fim de que ele atendesse de maneira mais satisfatória as exigências da clientela de sua escola? Quais as mudanças? — Currículo: objetivos, disciplinas, metodologia etc. 4) Que outras alterações você julga necessário proceder no ensino de 2º grau desta escola para atender aos interesses, expectativas e aspirações de seus alunos? 12) Se você tivesse que escolher entre melhorar sua escola para que ela preparasse melhor o aluno para exercer uma profissão de nível médio ou obtivesse êxito no vestibular, por qual linha de trabalho optaria?
"Os jovens egressos do curso técnico não sofrem a decepção dos outros que descobrem que a escola não lhes deu cultura geral e sim os adestrou para o vestibular" (Relatório do Grupo de Trabalho)		Questionário Instr. nº 04 Alunos Egressos	<ol style="list-style-type: none"> 1) Enumere as principais razões que o levaram a realizar os seus estudos de 2º grau. 2) Quando você escolheu a habilitação de 2º grau que você cursou, quais as outras opções que você poderia ter feito? Porque escolheu esta? 3) O curso de 2º grau que você realizou correspondeu às suas principais necessidades? E às suas aspirações? Por que? 4) Se lhe fosse permitido, quais as mudanças que você introduziria nos estudos de 2º grau que você fez, a fim de torná-lo mais adequado às necessidades e aspirações que você tinha naquela época? 5) Que alterações você promoveria na escola que você estudou a fim de que ela atendesse às suas necessidades e aspirações? 6) Você julga hoje que a formação geral e a formação profissional do curso de 2º grau que você realizou contribuíram para sua realização como pessoa? Justifique. 16) Se lhe fosse possível escolher entre melhorar a situação de seus estudos de 2º grau de tal maneira que eles o preparasse melhor para o desempenho de uma profissão em nível médio ou para uma boa classificação no vestibular e bom acompanhamento dos estudos superiores, que alternativa você escolheria? Por que?
"O estudante deve ser integrado pela educação geral, na sua própria sociedade e na cultura de seu tempo" (Relatório do Grupo de Trabalho)			
"O currículo deve também ajustar-se aos interesses e aptidões dos alunos" (Relatório do Grupo de Trabalho)	I x	Entrevista Instr. nº 05 Empresários	<ol style="list-style-type: none"> 6) Na sua opinião, os trabalhadores egressos de cursos profissionalizantes de 2º grau, mostram-se satisfeitos com a formação que tiveram?

Fonte: "Expectativas Legais"	Variáveis	Instrumentos	Fatores
"A escola deve cumprir duas funções (preparar para a Universidade e preparar para a vida) — indispensáveis a uma educação verdadeiramente integral" (Exposição de Motivos)	"A implantação da terminalidade geral nas escolas de 2º grau tem atingido seus objetivos em relação ao preparo para o trabalho e ao ingresso no mercado de trabalho dos alunos de 2º grau".	Questionário Instr. nº 02 Alunos Atuais	<ol style="list-style-type: none"> 2) Quais os planos que você tem, para quando terminar este curso em relação a trabalho e à perspectiva de continuidade de estudos? 3) Ao terminar este curso, se for possível escolher, você prefere: ingressar no mercado de trabalho ou ingressar na Universidade? Por que? 4) Se você necessita ingressar no mercado de trabalho que atividade pretende desempenhar? 5) Você sabe qual é o salário que uma pessoa com a sua formação recebe normalmente no desempenho desta atividade? 6) Você conhece alguém nesta situação que com esses vencimentos leve uma vida semelhante àquela que você pretende ter? 7) Na sua opinião, o diploma ou o certificado que você vai receber quando concluir este curso vai ser suficiente para você conseguir um emprego? Por que? 8) Se você já está trabalhando, você espera que, ao terminar este curso, vai melhorar sua colocação e salário na firma ou empresa onde é empregado? 9) Se você já está trabalhando, o serviço que executa sofre alguma influência do que você aprende neste curso? De que maneira? 10) Na sua opinião, este curso está preparando você para desempenhar bem uma profissão e ter um bom emprego? Por que?
"Ao final da Adolescência todos devem exibir condições de qualificação que lhes permita ingressar na força de trabalho, pretendam ou não prosseguir estudos, tenham ou não capacidade ou motivação para fazê-lo" (Exposição de Motivos)		Questionário Instr. nº 03 Professores e Equipe Técnica	<ol style="list-style-type: none"> 3) Se lhe fosse dada ampla liberdade para organizar os estudos de 2º grau desta escola, você introduziria mudanças no currículo deste nível de ensino a fim de que ele atendesse de maneira mais satisfatória as exigências da clientela de sua escola? Quais as mudanças? Currículo: objetivos, disciplinas, metodologia etc. 5) Segundo seu modo de entender, os alunos valorizam esta escola pelas oportunidades que lhe oferecem de conseguir habilitação profissional e ingressar ou melhorar seu desempenho no mercado de trabalho? Justifique. 6) Você considera que um aluno formado por esta escola está preparado para exercer a profissão de nível médio correspondente a habilitação que cursou? 7) Seria possível melhorar a formação profissional dos alunos que cursam as diversas habilitações desta escola? O que seria necessário para isso? 11) Segundo o seu modo de entender os estudos de formação geral beneficiam ou prejudicam a formação profissional dos alunos desta escola? 12) Se você tivesse que escolher entre melhorar sua escola para que ela preparasse melhor o aluno para exercer uma profissão de nível médio ou obtivesse êxito no vestibular, por qual linha de trabalho optaria?
"O ensino de 2º grau não deve preparar especificamente para o superior" (Exposição de Motivos)		Questionário Instr. nº 04 Alunos Egressos	<ol style="list-style-type: none"> 7) Você considera hoje que a formação profissional obtida no curso de 2º grau o preparou de maneira adequada para o exercício da respectiva profissão? 8) O que você sugere hoje, para melhorar a formação profissional que a escola de 2º grau que você cursou lhe proporcionou? 15) Na sua opinião, os estudos de disciplinas não diretamente relacionadas com a sua formação profissional a nível de 2º grau influem de alguma forma no seu desempenho profissional? 16) Se fosse possível a você escolher melhorar a situação de seus estudos de 2º grau de tal maneira que eles o preparasse melhor para o desempenho de uma profissão em nível médio ou para uma boa classificação no vestibular e bom acompanhamento dos estudos superiores que alternativa você escolheria? Por que?
"A escola de 1º e 2º graus, voltada para o processo de desenvolvimento, valoriza progressivamente o estudante, preparando técnicos de nível médio, de que tem fome a empresa privada e pública" (Exposição de Motivos)			
"O aluno que por deficiências próprias ou falta de oportunidades tiver que interromper seus estudos deverá receber formação que o habilite a tornar-se um cidadão útil para si e para a comunidade" (Relatório do Grupo de Trabalho)			
"Todos devem chegar à idade adulta com algum preparo para o trabalho" (Relatório do Grupo de Trabalho)			
"A maior causa de frustração dos candidatos reprovados no vestibular está na ausência de uma ocupação útil, numa idade em que se tornam absorventes as preocupações com o futuro" (Grupo de Trabalho)			
"É no período etário correspondente ao 2º grau que as aptidões para o trabalho efetivamente existem" (Grupo de Trabalho)			

Fonte: "Espectativas Legais"	Variáveis	Instrumentos	Fatores
"As aptidões (para o trabalho) existentes tendem a estagnar-se quando não utilizadas com oportunidade" (Grupo de Trabalho)		Entrevista Instr. n.º 05 Empresários	<ol style="list-style-type: none"> 1) Como você vê o desempenho dos empregados formados nas escolas profissionalizantes de 2º grau que trabalham sob sua responsabilidade? 2) Na seleção e admissão de pessoal de sua empresa, o fato de o candidato ter realizado um curso de formação profissionalizante em escola de 2º grau, é valorizado de alguma forma? 3) A empresa proporciona aos egressos destes cursos, um programa de treinamento? 4) Em que consiste este treinamento? 5) Se lhe fosse solicitado, que sugestões apresentaria para tornar as escolas de formação profissional mais eficientes, e mais adequadas a realidade das empresas? 8) Você considera importante seus empregados cursarem a Universidade? Por quê?
"O aluno que estudou algo de prático (formação profissional) encontra no trabalho o apoio financeiro e a estabilidade psicológica para, uma vez reprovado no vestibular, fazer novas tentativas" (Relatório do Grupo de Trabalho)	"A implantação da terminalidade geral tem atingido seus objetivos no sentido de possibilitar e favorecer a continuidade de estudos dos alunos egressos do 2º grau."	Questionário Instr. n.º 02 Alunos Atuais	<ol style="list-style-type: none"> 11) Você pretende parar de estudar quando terminar este curso? Por quê? 12) Se lhe for possível chegar à Universidade que curso gostaria de realizar? Por quê? 13) Quais as dificuldades que você teria hoje para cursar uma Universidade? 14) Quando você terminar este curso, terá possibilidade de ter um emprego. Neste caso, as dificuldades acima apontadas ainda existirão? Por quê? 15) Na sua opinião, este curso que você está fazendo vai deixar você preparado para o vestibular? 16) Você vai precisar fazer "cursinho"? Por quê? 17) Você vê possibilidade de trabalhar ao terminar este curso, e ao mesmo tempo, frequentar o curso universitário que você espera realizar? Como?
		Questionário Instr. n.º 03 Professores e Equipe Técnica	<ol style="list-style-type: none"> 3) Se lhe fosse dada ampla liberdade para organizar os estudos de 2º grau desta escola, você introduziria mudanças no currículo desse nível de ensino a fim de que ele atendesse de maneira mais satisfatória as exigências da clientela de sua escola? Quais as mudanças? — Currículo: objetivos, disciplinas, metodologia. 8) Segundo seu modo de entender os estudos da parte de formação especial, interferem de alguma forma com o preparo do aluno para concorrer no vestibular? 9) Você considera que um aluno formado por esta escola está preparado para concorrer competitivamente no vestibular? 10) O que você considera necessário para criar condições para que os alunos desta escola fiquem naquela situação de concorrência competitiva no vestibular? 12) Se você tivesse que escolher entre melhorar sua escola para que ela preparasse melhor o aluno para exercer uma profissão de nível médio ou obtivesse êxito no vestibular, por qual linha de trabalho optaria?
		Questionário Instr. n.º 04 Alunos Egressos	<ol style="list-style-type: none"> 9) Na sua opinião, os estudos que você fez na escola de 2º grau, diretamente voltados para a sua formação profissional influíram positiva ou negativamente para seu desempenho no vestibular? 10) E para seu desempenho na Universidade? 11) Considerando sua experiência de vida, o que você acharia necessário para que os seus estudos de 2º grau pudessem tê-lo preparado para se sair melhor no vestibular? 12) Você acha que o estudo das disciplinas da escola de 2º grau o preparou adequadamente para realizar seus estudos na Universidade? Explique porque. 13) Que parte do currículo da escola de 2º grau foi mais significativa para isso? A de formação geral ou profissional? Por quê? 14) Que modificação você introduziria na escola de 2º grau a fim de torná-la mais adequada para favorecer os estudos na Universidade? 16) Se lhe fosse possível escolher entre melhorar a situação de seus estudos de 2º grau de tal maneira que eles o preparassem melhor para o desempenho de uma profissão em nível médio ou para uma boa classificação no vestibular e bom acompanhamento dos estudos superiores, que alternativa você escolheria? Por quê?
"Todos devem chegar à idade adulta com uma opção de estudos claramente definida" (Relatório do Grupo de Trabalho)			
"Havendo condições, o aluno que revele aptidão, deverá ser levado a estudos mais contínuos e ambiciosos do que aqueles inicialmente escolhidos" (Relatório do Grupo de Trabalho)			

Fonte: "Expectativas Legais"	Variáveis	Instrumentos	Fatores
		Entrevista Instr. n.º 05 Empresários	<ol style="list-style-type: none"> 7) Na sua empresa, as funções exercidas pelo técnico de nível médio seriam melhor desempenhadas por um profissional de nível superior? Por quê? 8) Você considera importante seus empregados cursarem a Universidade? Por quê?

3.1. População e Amostragem

Para se proceder à identificação dos alunos que atualmente estão cursando o 2º grau na cidade de Campinas bem como os respectivos professores tornou-se necessário localizá-los por escolas. Para tanto, foi necessário realizar um levantamento que permitiu a caracterização das escolas de Campinas para posterior amostragem.

São vinte e quatro escolas (24) que mantêm cursos profissionalizantes de 2º grau na cidade de Campinas, sendo treze (13) particulares; uma (1) mantida através de convênios e dez (10) escolas mantidas pelo governo do Estado. Estão organizadas por habilitações profissionalizantes e de acordo com seu sistema de organização podem ser divididas em três (3) grupos: as que oferecem Habilitações Profissionalizantes Básicas; as que oferecem Habilitações Profissionalizantes Específicas e as que estão organizadas pelo sistema misto, ou seja oferecem Habilitações Básicas e Específicas.

A amostra proposta no projeto inicial constituía-se de: 10% das Escolas Estaduais de 2º grau organizadas pelo sistema de habilitação específica; 10% das Escolas Estaduais de 2º grau organizadas pelo sistema de habilitações básicas e mais o Colégio Técnico Conselheiro Antonio Prado, Colégio Técnico da UNICAMP, Centro Inter Escolar Bento Quirino e Colégio Integrado de Aplicação Pio XII, que gozam de prestígio junto aos candidatos ao 2º grau, fato este implicado no contingente sempre muito grande de pedidos de matrículas para seus cursos.

Estas escolas foram portanto intencionalmente amostradas para comporem a população de estudo.

Diante da caracterização encontrada optou-se pela ampliação da amostra inicialmente proposta, incluindo particulares de 2º grau organizadas pelo sistema de habilitações específicas e escolas particulares que mantêm habilitações básicas, pois, como se observou, é muito significativa a participação das escolas particulares na formação de profissionais de nível médio e principalmente pelo grande contingente de diversificação de habilitações específicas caracterizadas pelas suas ofertas de cursos.

As escolas particulares foram escolhidas de acordo com as características de sua clientela ou seja: o E.P.S.G. Notre Dame, por ser de nível sócio-econômico alto que atende a uma clientela de classe alta, e o Colégio Comercial da Academia São Luís e a E.P.S.G. Batista de Campinas por atenderem a uma clientela de nível sócio-econômico mais baixo. Outro critério levado em consideração foi o período de funcionamento e as habilitações oferecidas por estas escolas que as caracterizam diferentemente quanto à oferta e procura de seus cursos.

O Ateneu Campinense foi incluído na amostra por ser a escola de organização mista onde se localiza grande diversificação de Habilitações e por oferecer Habilitações Profissionalizantes Básicas.

Assim sendo, foi caracterizada uma amostra de onze escolas para comporem a população em estudo, representada pelos seguintes extratos:

1. Estrato composto por escolas da Amostra Intencional:

E.E.S.G. Bento Quirino
Colégio Técnico Conselheiro Antonio Prado
Colégio Técnico da UNICAMP
Colégio Integrado de Aplicação Pio XII

2. Estrato composto pelas escolas públicas com Habilitação Básica:

E.E.S.G. Culto à Ciência.
E.E.S.G. Anibal de Freitas

3. Estrato composto por escolas públicas com Habilitação Específica:

E.E.S.G. Don João Nery

4. Estrato composto por escola particular com Habilitação Básica e Específica (sistema misto):

Ateneu Campinense

5. Estrato composto por escolas particulares com Habilitação Específica:

E.P.S.G. Batista de Campinas
E.P.S.G. Notre Dame
Colégio Comercial da Academia S. Luis

Tendo com primeira referência este grupo de 11 escolas, foram definidas as quatro sub-populações que compõem o universo deste estudo, a saber:

Sub-População 1 — Alunos que cursavam o 2º grau nos anos de 1979 e 1980.

Sub-População 2 — professores e membros das equipes técnicas das escolas de 2º grau.

Sub-população 3 — Alunos egressos das escolas de 2º grau que nos anos de 1979 e 1980 cursavam a UNICAMP.

Sub-População 4 — Empresários ligados à seção de Recrutamento e Seleção de Pessoal de Empresas da Região de Campinas.

A sub-População 1, constituída de alunos que estão cursando atualmente a escola de 2º grau, é a que fornece os elementos mais importantes para a análise proposta neste trabalho. Na realidade, são as expectativas e aspirações desses alunos que, neste momento, se defron-

QUADRO 2 — Escolas Amostradas de acordo com Habilitações, Período de Funcionamento e Natureza Jurídica

Nº Código	Escola	Natureza Jurídica	Período de Funcionamento	Habilitações
1	Colégio Técnico Conselheiro Antonio Prado	convênios	integral noite	Técnico em Química, Técnico em Bioquímica e Técnico em Petroquímica.
2	Colégio Técnico da UNICAMP	estadual	manhã, tarde e noite	Técnico em Alimentos, Técnico em Eletrônica, Enfermagem, Mecânica e Programação de Sistemas.
3	Colégio Integrado de Aplicação Pio XII	particular	manhã	Auxiliar de Patologia Clínica, Contabilidade, Processamento de Dados, Desenhista de Arquitetura e Desenhista de Decoração.
4	Ateneu Campinense	particular	manhã e noite	F.B.P. — Setor Primário, Secundário e Terciário, Auxiliar Serviços Bancários, Técnico em Estatística e Técnico em Administração.
5	E.P.S.G. Batista de Campinas	particular	manhã e noite	Administração, Secretariado, Publicidade, Programação de Sistemas, Contabilidade.
6	E.P.S.G. Notre Dame	particular	manhã	Auxiliar de Escritório, Auxiliar de Eletrônica, Laboratorista de Análises Químicas.
7	Colégio Comercial da Academia São Luís	particular	noite	Técnico em Administração, Secretariado, Programação de Sistemas e Contabilidade.
8	E.E.S.G. Bento Quirino	estadual	manhã, tarde e noite	Técnico em Mecânica, Eletrotécnica, Economia Doméstica, Contabilidade, Desenho Mecânico.
9	E.E.S.G. Culto à Ciência	estadual	manhã, tarde e noite	F.B.P. — Setor Primário, Secundário e Terciário.
10	E.E.S.G. Don João Nery	estadual	manhã e noite	F.B.P. — Setor Primário, Secundário e Terciário.
11	E.E.S.G. Anibal de Freitas	estadual	manhã, tarde e noite	F.B.P. — Setor Primário, Secundário e Terciário.

tam com a problemática da terminalidade e/ou continuidade de seus estudos, os dados mais relevantes a serem considerados.

Desta maneira, é esta sub-população a que foi mais detalhadamente focalizada, desde a coleta de dados até a análise estatística.

As demais sub-populações, embora sem merecer tratamento tão pormenorizado, são elementos indispensáveis para compor o quadro de referência que permitirá uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado.

Sub-população 1 — Alunos que cursavam o 2º grau nos anos de 1979 e 1980: A construção de um sistema de referência (listagem de todos os alunos por série, por período e por habilitação em cada escola) foi considerada inexecutável pelos responsáveis pelas escolas. Desta forma procedeu-se a uma estratificação da população de

alunos em cada escola obedecendo aos critérios: *série, período e habilitação*. Foram considerados diferentes extratos variando de acordo com o tamanho de cada escola.

Após a primeira caracterização das escolas e mediante sorteio foram os seguintes estratos identificados em cada escola.

Estrato nº 1 — Colégio Técnico Conselheiro Antonio Prado, 20 classes, 454 alunos;

Estrato nº 2 — Colégio Técnico da UNICAMP, 22 classes; 465 alunos;

Estrato nº 3 — Colégio Integrado de Aplicação Pio XII, 12 classes, 273 alunos;

Estrato nº 4 — Colégio Ateneu Campinense, 6 classes, 156 alunos;

Estrato nº 5 — E.P.S.G. Batista de Campinas, 23 classes, 382 alunos;

Estrato nº 6 — E.P.S.G. Notre Dame, 6 classes, 168 alunos;

Estrato nº 7 — Colégio Comercial da Academia São Luís, 7 classes, 139 alunos;

Estrato nº 8 — E.E.S.G. Bento Quirino, 18 classes, 417 alunos;

Estrato nº 9 — E.E.S.G. Culto à Ciência, 14 classes, 196 alunos;

Estrato nº 10 — E.E.S.G. D. João Nery, 3 classes, 12 alunos;

Estrato nº 11 — E.E.S.G. Anibal de Freitas, 13 classes, 242 alunos.

A aplicação do instrumento desta sub-população se deu em sala de aula. O número de alunos referido em cada estrato corresponde aos alunos presentes no dia da aplicação do questionário e representam sempre 90% ou mais do total dos alunos por classe. As classes foram sorteadas em cada período e nas escolas onde havia classe única em uma série, esta foi automaticamente incluída na amostra.

O número total de alunos nesta sub-população foi de 2.940. Houve uma perda de 171 questionários por estarem incompletos ou rasurados e o número total passou a 2.769 sujeitos.

Sub-população 2 — Dos professores e equipe técnica: procedeu-se a uma amostra casual simples sem reposição. Para cada uma das escolas estudadas construiu-se a relação completa e numerada de todos os professores de disciplina dos cursos do 2º grau. Estabeleceu-se um n igual para cada uma das escolas e, através de sorteio equiprováveis, construiu-se a amostra para cada escola.

O grupo total de professores entrevistados foi de 115, e a este grupo foram acrescentados os dados das entrevistas de elementos das equipes técnicas das escolas num total de 15. O total geral passou a 130, sem nenhuma perda ou questionários anulados.

Sub-população 3 — Alunos egressos das escolas de 2º grau, que cursam a UNICAMP: Tendo como referência as escolas amostradas para este estudo, procedeu-se à identificação dos alunos egressos das mesmas. Obteve-se do Setor de Alunos, em março/80 a seguinte informação sobre a procedência escolar dos alunos matriculados na UNICAMP em 1980.

O SERCA forneceu a listagem completa destes alunos contendo além de sua procedência de estudos de 2º grau, o curso universitário que estavam realizando. A distribuição por escola e por curso mostrou-se tão dispersiva que não cabia amostragem e ainda que se trabalhasse com todos os alunos não caberia uma relação de causalidade entre: *curso — escola — expectativa de alunos*, pois faltariam outros dados tais como: opções de cada aluno no vestibular; existência de remanejamento interno na vida acadêmica do aluno; coeficiente de rendimento etc. Estes fatores estratificaram de tal maneira esta sub-população que tornaria viável a existência de vários estratos vazios.

Tal refinamento nesta amostragem pode ser interessante para estudo de outra natureza. No caso específico deste trabalho, onde se busca acrescentar dados sobre expectativas realizadas ou não, esta estratificação pode ser dispensada. Guardou-se entretanto a relação escolas amostradas - alunos egressos. Desta forma procedeu-se ao

Procedência escolar dos alunos	Nº de Alunos por escola matriculados na UNICAMP em 1980.
Colégio Técnico Conselheiro Antonio Prado	124
Colégio Técnico da UNICAMP	196
Colégio Integrado de Aplicação Pio XII	138
Ateneu Campinense	nenhum*
E.P.S.G. Batista de Campinas	7
E.P.S.G. Notre Dame	60
Colégio Comercial da Academia São Luís	5
E.P.S.G. Bento Quirino	5
E.P.S.G. Culto à Ciência	261
E.P.S.G. Don João Nery	11
E.P.S.G. Anibal de Freitas	127

* Escola aberta recentemente

sorteio desta sub-população mantendo-se o n igual de cada uma das 11 escolas que compõem o estudo. O n desta sub-população foi de 200 sujeitos com uma perda de 28 questionários que foram anulados por estarem incorretos. O n final foi de 172 alunos.

Sub-população 4 — *Empresários e/ou Supervisores de Empresas da Região de Campinas*: amostra estratificada.

Partindo da diversificação de Habilitações Profissionalizantes definidas pelas 11 escolas que compõem a população em estudo, procedeu-se a uma análise das empresas da região de Campinas, cujas atividades estivessem relacionadas às habilitações oferecidas (ver Quadro 2). Para a composição dos estratos observaram-se os seguintes critérios:

1. Tamanho da indústria — grande, média e pequena — representada pelo seu capital declarado em dezembro de 1978, de acordo com o Departamento de Documentação e Pesquisa da Revista MERCADO — Revista de Economia e Negócios do Interior de São Paulo — Jundiá — SP.

2. Natureza de suas atividades — foram classificadas em: Alimentícia e Bebidas; Construção; Produtos Químicos; Metalurgia; Agro-pecuária; Agrícola; Material Hospitalar; Hospital; Vestuário; Têxtil; Mobiliário; Cortumes; Transportes; Máquinas e Equipamentos; Empresas Jornalísticas; Hotelarias e Empresas Comerciais.

3. Existência de convênios com o SENAI/SENAC e/ou cursos de treinamento na própria empresa. Quando da existência destes laços, as empresas foram excluídas da amostra.

A amostragem final desta sub-população ficou constituída de empregados e/ou supervisores das seguin-

tes empresas: Companhia Leco de Produtos Alimentícios; Companhia Campineira de Alimentos; Pastificio Seimi; Refrigerantes Campinas S.A.; Bebidas Vanuci S.A. Indústria e Comércio; Sobloco Construtora S.A.; Construtora e Pavimentadora Lix da Cunha S.A.; Companhia de Habitação Popular de Campinas; B.H.M. Engenharia e Comércio S.A.; Concrelix S.A. Engenharia de Concreto; Bahema Construções S.A.; URBE — Engenharia e Construções S.A.; Indústria Oliveira Lima Ltda; Pedrabrasil S.A. Indústria e Comércio; CERALIT S.A. Indústria e Comércio; Miracema Nuodex S.A. Indústria Química; Cobesca-Manchester Atacadista de Produtos Farmacêuticos; Adere Indústria e Comércio de Adesivos Ltda; Instituto Químico de Campinas; Hiplex S.A. Laboratório de Hipodermia; Emílio Pieri S.A. Indústria e Comércio; Durawin S.A. Resinas e Tintas; Mentol de Campinas S.A. Indústria Química Exp e Imp.; Singer Sewing Machine Company; Correntes Industriais IBAF S.A.; Indústria e Comércio DAKO do Brasil S.A.; Expambox Indústria Metalúrgica Ltda; Armet S.A. Indústria e Comércio; Coforja Correntes e Forjados Brasil S.A.; Companhia Central Agro-Pecuária Campinas; Companhia Agrícola Campineira; Fruti-Flora S.A.; IBRAS-CBO Indústrias Círculas e Ópticas S.A. Imp/Exp.; Hospital Vera Cruz S.A.; Chapéus Vicente-Cury S.A.; Tecidos Fiana Ltda; Tecidos Pluma S.A.; Fábrica de Tecidos Elásticos Godoy-Valbert S.A.; Formóveis S.A. Indústria Imobiliária; Tubella S.A. Indústria de Móveis Tubulares; R. Gomes S.A. Comércio e Indústria; Ensibel Indústria e Comércio de Móveis Ltda; Cortume Cantúcio S.A.; Companhia Campineira de Transportes Coletivos; Viação Bonavita S.A. Transporte e Turismo; Transcasa Transportes Campinas S.A.; Distribuidora de Bebidas no Lar S.A.; Hewlett Packard do Brasil; Empresas Jornalísticas; Companhia Imobiliária Campineira; Ceccato S.A. Comércio Utilidades Domésticas; Hotéis Vila Rica S.A. e Savoy S.A. Hotéis e Turismo.

O *n* total desta sub-população é 54, com uma perda de 11 entrevistas, por recusas a participar da pesquisa e falta de devolução dos roteiros de entrevista. O *n* final ficou constituído de 43 sujeitos.

3.2. Instrumentos e Aplicação

Ao assumir como pressuposto a necessidade de acrescentar dados relacionados à clientela escolar de 2º grau em termos de percepção de suas expectativas e necessidades em relação à terminalidade e/ou continuidade de estudos, assumiu-se o seu conseqüente, ou seja a necessidade de se buscar *dados de experiência direta*, vivenciada no dia a dia das escolas por alunos e professores.

Desconhece-se a existência de instrumentos disponíveis para este fim e tornou-se necessário construí-los especialmente para esta pesquisa.

Instrumento 1 — Caracterização das escolas de 2º grau. A primeira fase deste trabalho constituiu-se de uma entrevista aberta com as equipes técnicas administrativas das escolas que compunham a população em estudo para que se procedesse à caracterização das escolas. A aplicação deste instrumento foi planejada para os meses de abril e maio de 1979, mas em conseqüência da greve de professores do ensino de 1º e 2º graus de São Paulo, só

pueram ser respondidos no princípio do mês de agosto de 1979. Foram os dados obtidos neste instrumento que revelaram a especificidade da organização curricular e programática de cada unidade escolar a ser investigada e permitiu uma caracterização das escolas quanto a: Níveis de cursos existentes nas escolas; Habilitações oferecidas durante a existência da escola; Habilitações em funcionamento; Sistemática de admissão de alunos; Relação candidatos/vagas para cada habilitação oferecida pela escola; Relações escola/comunidade; Instalações e equipamentos; Evolução geral das matrículas dos alunos em cada habilitação desde o início do seu funcionamento; Número de alunos diplomados por habilitação/ano; Especificação do corpo docente, do pessoal técnico e administrativos.

Os dados obtidos pela aplicação deste Instrumento foram decisivos na elaboração dos quatro seguintes.

Instrumento 2 — Dos alunos que estão cursando o 2º grau.

Trata-se de um questionário com 16 perguntas em aberto, pois dado o enfoque teórico metodológico da pesquisa, não caberia a inclusão de categorias de análise pressupostas em outra realidade escolar.

Após elaborado e testado num pequeno grupo, sua aplicação revelou que a maioria dos alunos de 2º grau desconhece quase que totalmente informações relativas ao rendimento mensal obtido pela sua família e por esta razão abandonou-se a variável "nível sócio-econômico".

A aplicação foi feita em sala de aula, com a presença do professor e do pesquisador e seu prazo de tempo pré-fixado para entrega.

Da aplicação deste instrumento é que se obtiveram os dados a respeito das aspirações e necessidades dos alunos de 2º grau em relação à terminalidade e continuidade de estudos a partir de uma perspectiva individual, sempre configurada num ambiente escolar específico.

Além destes dados, a aplicação deste Instrumento permitiu verificar a incidência de alunos que trabalham, as horas de trabalho e a remuneração obtida, bem como a participação do jovem em outras atividades na escola ou fora dela.

Sua aplicação foi planejada e efetivada durante o mês de outubro/novembro 79. A aplicação foi feita sem incidentes em sala de aula com a presença do professor e sem tempo pré-fixado de resposta.

Instrumento 3 — Dos professores que lecionam no 2º grau.

Trata-se de um questionário com 12 perguntas em aberto e também neste caso não caberia a inclusão de categorias de análise pressupostas em outras pesquisas ou teorias.

Depois de elaborado e testado, sua aplicação permitiu uma verificação da percepção do professor em relação às escolhas profissionais de seus alunos, dos valores e aspirações a uma dada estrutura escolar, bem como, permitiu um posicionamento do professor em relação à terminalidade e continuidade de estudos a partir de sua experiência profissional, marcadamente no seu contacto cotidiano com jovens sujeitos da experiência de profissionalização a nível médio.

Além destes dados, a aplicação deste instrumento permitiu verificar a caracterização profissional e a situa-

ção funcional dos professores. Sua aplicação foi planejada e efetivada em outubro/novembro de 1979. Concomitantemente à aplicação do instrumento dos alunos que nesta época cursavam o 2º grau.

Instrumento 4 — Dos alunos egressos do 2º grau e que atualmente cursam a Universidade.

Trata-se de um questionário-entrevista com 16 perguntas cuja aplicação permitiu a obtenção de dados a respeito das aspirações e necessidades dos alunos de 2º grau, em relação à terminalidade e continuidade de estudos, a partir de uma perspectiva individual de vida, desta feita centrada na experiência já vivida mas que se reflete na sua situação atual na Universidade. Além destes dados, permitiu um posicionamento do aluno em relação a oportunidade educacional que teve e seu conseqüente acesso à universidade, bem como seu depoimento sobre efetividade dos estudos de 2º grau na perspectiva de sua continuidade.

Também previsto para aplicação em outubro/novembro de 1979, este instrumento só pôde ser aplicado em março de 1980 em virtude de um defeito intermitente no computador da universidade que destruiu o arquivo de dados que permitiriam a caracterização da procedência dos alunos atuais, dado este fundamental para que se procedesse à amostragem desta sub-população. Entretanto, a dimensão "tempo", fundamentalmente importante em pesquisas desta natureza está resguardada pela pequena diferença de tempo que se impôs entre a obtenção destes dados e dos demais.

A aplicação deste instrumento foi feita pelo SERCA com a supervisão direta dos pesquisadores responsáveis por este projeto.

Instrumento 5 — Roteiro de Entrevista com Empregadores e/ou Supervisores de Indústrias.

Trata-se de um roteiro de entrevista com 08 perguntas cuja aplicação permitiu a obtenção de dados que caracterizam a percepção de empregadores ou supervisores de serviço de pessoal das Indústrias da Região de Campinas, do desempenho dos alunos egressos das escolas de 2º grau, bem como a existência de um esquema de valorização do diploma destes alunos no sistema de admissão de empregados.

Este instrumento foi aplicado em outubro/novembro de 1979, concomitantemente à aplicação do instrumento nº 2 e 3, mediante entrevista previamente marcada com os informantes, devidamente autorizada por seus superiores hierárquicos.

3.3 Tratamento Estatístico

A pesquisa pretendeu constatar uma realidade tal como ela se apresenta para posterior análise das expectativas em relação à *terminalidade e continuidade* no ensino de segundo grau. Comprou, portanto uma etapa *Descritiva*, bastante significativa pois somente a partir da constatação das experiências vividas nas escolas através do desempenho real dos alunos é que se obtiveram índices de avaliação e dados para análise.

Também não se conhecia o comportamento da população em estudo em relação ao problema proposto e não se encontram registrados em pesquisas educacionais nacionais e mesmo estrangeiras nenhum tipo de instru-

mento adequado à obtenção dos dados, relativos às variáveis a serem pesquisadas.

Optou-se por *Estatística não Paramétrica* cujos programas de análise foram especificados após a aplicação do primeiro instrumento de coleta de dados, por se tratar de variáveis nominais.

A análise final dos dados implica, portanto, uma compreensão da *terminalidade e continuidade* do ensino de 2º grau que se estabeleceu a partir da dimensão do comportamento dos sujeitos da pesquisa, sem inclusão de categorias pressupostas, em leis, teorias e mesmo pesquisas de temas correlatos realizados em outras culturas.

Para a Sub-População 1 — Alunos que estão cursando o 2º grau, e a fim de estabelecer relações entre as variáveis dependentes e independentes, foi aplicado o χ^2 programado pelo SPSS (NIE).

Nas demais sub-populações que compõem este estudo, procedeu-se a uma análise descritiva através de frequências e porcentagens.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho teve por objetivo principal, proceder a um levantamento de expectativas e aspirações de alunos que estão atualmente realizando seus estudos de 2º grau na forma proposta pela Lei 5692.

De maneira mais específica, foram focalizados os princípios de terminalidade geral e continuidade de estudos, na tentativa de se encontrar os indicadores de sua efetividade e de sua congruência às metas pessoais dos alunos que os estão vivenciando em sua experiência escolar.

O significado desta experiência é melhor apreendido se considerarmos o indivíduo no conjunto de suas relações sociais. Neste sentido procurou-se obter dados referentes à percepção de professores e membros de equipes técnicas de escolas de 2º grau; de alunos egressos destas escolas e que hoje cursam a universidade e de empregadores e supervisores de indústrias que empregam egressos destes cursos.

Nossa primeira abordagem focalizou a adequação e correspondência entre as expectativas legais e as expectativas e necessidades dos alunos, formalizados no que denominou variável X.

A segunda abordagem incidiu sobre a efetividade e congruência do princípio de terminalidade geral formalizadas no que se denominou variável Y.

Finalmente focalizou-se a efetividade e congruência do princípio de continuidade de estudos formalizadas no que se denominou variável Z.

Os dados obtidos permitem as seguintes conclusões:

A — *VARIÁVEL X* "Os princípios da terminalidade geral e continuidade de estudos tais como apresentados pela doutrina da atual reforma de ensino correspondem às expectativas e necessidades dos alunos das escolas de 2º grau".

— Pode-se afirmar que não existe correspondência entre os princípios de terminalidade geral e continuidade de estudos e as expectativas e necessidades dos alunos que basicamente buscam na escola de 2º grau, sua realização pessoal. É possível concluir também que as expecta-

tivas dos alunos ainda revelam que embora com pouca intensidade, a continuidade é mais presente em suas metas pessoais do que a terminalidade.

— As expectativas e aspirações dos alunos traduzidas nos seus planos futuros, revelam primordialmente projetos pessoais de continuidade de estudos, que deverão se concretizar independentemente de qualquer situação de trabalho. Esta situação de trabalho (terminalidade) só aparece, menos intensamente como suporte aos projetos pessoais de continuidade. A terminalidade só aparece como meta quando não existe suporte financeiro para a realização dos projetos pessoais de continuidade.

— A grande maioria dos alunos, mesmo que houvesse nova oportunidade de escolha não mudaria de habilitação, nem de escola.

— Na percepção dos professores é a continuidade de estudos a principal expectativa dos alunos na realização dos estudos de 2º grau e na escolha de uma determinada escola e/ou habilitação.

— Na percepção dos professores, as expectativas e aspirações dos alunos não são plenamente satisfeitas nas escolas de 2º grau em decorrência de sua organização atual.

— Na percepção dos professores, as expectativas e aspirações dos alunos seriam melhor satisfeitas se as escolas se organizassem melhor para atender ao projeto de terminalidade (laboratórios, mais equipamentos, aulas práticas, alterações curriculares com vistas ao melhor preparo profissional etc.).

— A percepção dos professores em relação às metas para melhoria da escola de 2º grau é bastante divergente: uns optaram só pela ênfase na continuidade, outros pela terminalidade; outras por ambas e outros ainda são de opinião que a organização atual é plenamente satisfatória.

— Para os alunos egressos, a principal razão de terem cursado o 2º grau foi a aspiração de ingresso à universidade e por este motivo julgam que os estudos realizados corresponderam às suas necessidades e aspirações uma vez que este ingresso se efetivou. Também apontam falhas em relação à terminalidade e à continuidade.

— Na percepção da maioria dos empresários os estudos de segundo grau não corresponderam às expectativas de seus empregados uma vez que ao darem continuidade aos seus estudos, não os realizam na área correspondente aos estudos de 2º grau. Ainda na percepção destes elementos, a continuidade de estudos é o principal projeto pessoal de seus empregados.

B — **VARIÁVEL Y** "A implantação da terminalidade geral nas escolas de 2º grau tem atingido seus objetivos em relação ao preparo para o trabalho e ao ingresso no mercado de trabalho dos alunos das escolas de 2º grau".

— As expectativas dos alunos, caso necessitem ingressar no mercado de trabalho após a conclusão do curso de 2º grau, indicam preferência por desempenhar atividades profissionais diretamente ligadas ao curso ou habilitação que realizaram.

— Em relação ao conhecimento do valor econômico ligado à profissão para a qual se prepararam na escola de 2º grau, pouco mais da metade dos alunos consultados não dispõe de informações a esse respeito en-

quanto que a outra quase metade possui estes elementos.

— Em sua maioria os alunos não têm a expectativa de que, apenas o diploma de 2º grau possa ser condição suficiente para que venham obter um emprego.

— A maioria dos alunos têm a expectativa de que o curso que estão realizando os prepare adequadamente para o exercício de uma profissão e lhes proporcione condições para obtenção de um bom emprego.

— A maioria dos alunos que já trabalham, não têm expectativas de ascensão no quadro da empresa e/ou melhoria salarial na empresa onde trabalham em função do curso que estão realizando.

— A maioria dos alunos que já trabalham não percebe uma melhoria no seu desempenho profissional, em razão dos estudos que estão realizando a nível de 2º grau.

— Na percepção da maioria dos professores os alunos que valorizam suas respectivas escolas, o fazem em função do prestígio de seu nome e das oportunidades que este prestígio representa em termos de mercado de trabalho.

— Na percepção de alguns professores, os alunos formados pelas escolas de 2º grau não estão preparados para exercer a profissão que corresponde à habilitação que estão cursando porque a nova legislação prejudicou a formação profissional dos alunos; faltam recursos para as escolas e falta adequação dos currículos e metodologia à realidade da vida profissional. Outros acreditam que os alunos terão sucesso ou não em sua vida profissional muito mais em função de fatores pessoais do que das condições que as escolas possam lhes oferecer.

— Na percepção da maioria dos professores, seria possível melhorar a formação profissional dos alunos se os cursos se tornassem mais práticos e mais próximos da realidade do trabalho; se houvesse maior aproximação entre empresa-escola; se os professores fossem preparados e remunerados e se fosse possível separar cursos voltados para a continuidade e cursos voltados para a terminalidade.

— A maioria dos professores julga a formação geral muito valiosa e acreditam que ela beneficia a formação profissional dos alunos.

— Para a maioria dos alunos egressos, o curso de 2º grau que realizaram não os preparou adequadamente para o exercício de uma profissão, e está bastante desvinculado da realidade de trabalho.

— De acordo com a maioria dos empregadores a formação a nível de 2º grau é sempre uma exigência ainda que formal na seleção de pessoal, embora não reconheçam esta formação como profissionalizante. Em função disto, as empresas em geral proporcionam aos egressos dos cursos de 2º grau programas de treinamento na própria empresa. Esses treinamentos geralmente dão ênfase a atividades práticas, à atualização teórica e a estágios supervisionados em setores específicos.

— Para a maioria dos empresários as escolas de formação profissional seriam mais eficientes se houvesse uma maior aproximação entre escola/empresa, e também uma política de incentivo ao investimento empresarial nas escolas profissionalizantes.

C — **VARIÁVEL Z** "A implantação da terminalidade geral tem atingido seus objetivos no sentido de

possibilitar e favorecer a continuidade de estudos dos alunos egressos do 2º grau".

— A grande maioria dos alunos consultados tem expectativa de continuidade em seus projetos pessoais para um futuro próximo.

— Pode-se afirmar que os alunos escolherão seus cursos superiores muito mais em função de seus projetos de realização pessoal do que como decorrência dos estudos iniciados a nível de 2º grau.

— A expectativa da maioria dos alunos é que a maior dificuldade que enfrentarão para ingressar na universidade é a falta de condições financeiras, dificuldade esta que para um grande número de alunos poderá ser superada mediante ingresso no mercado de trabalho ao término do segundo grau. Para outros ainda, nem mesmo a obtenção de um emprego irá superar as dificuldades financeiras. Entretanto, a maioria acredita que será possível conciliar a realização de um curso superior com um desempenho de atividades profissionais.

— Na expectativa da maioria dos alunos, os cursos de 2º grau que estão realizando não os prepara para o vestibular porque visam a formação de técnicas e são mal estruturados.

— A grande maioria dos alunos consultados afirmam categoricamente que vão precisar frequentar "cursinhos" para concorrerem ao vestibular pois acreditam que só estes cursos preparam bem os candidatos à universidade.

— Na percepção da maioria dos professores os estudos diretamente voltados à formação especial dos alunos prejudicam seu preparo para o vestibular.

— Apenas os professores de escolas particulares e das antigas "Escolas Técnicas" acreditam que seus alunos estão preparados para concorrer competitivamente no exame vestibular. Os demais acreditam que seria necessário valorizar os objetivos e as disciplinas relacionadas à formação geral para que esta preparação fosse mais efetiva.

— Os alunos egressos são de opinião que os estudos voltados para a formação profissional a nível de segundo grau beneficiaram seu desempenho tanto no vestibular quanto na universidade. Em relação ao currículo cursado afirmam que tanto a parte de formação geral como a de formação específica exerceram grande influência no desempenho no vestibular e continuam presentes na vida acadêmica da universidade. Sugerem ainda para melhoria dos cursos de segundo grau, que os professores sejam melhor preparados, que os estudos sejam mais aprofundados, e que haja maior interesse em relação às disciplinas de formação geral.

— Na percepção de alguns dos empregadores é importante que seus empregados cursem a universidade, seja para melhoria e aperfeiçoamento de mão-de-obra, seja para atender uma necessidade social e humana. Outros a julgam totalmente dispensável, considerando mais importante do que qualquer nível de escolaridade a experiência do profissional no ramo de atividade que desempenha.

COMENTÁRIOS FINAIS

Embora os dados obtidos falem por si, sobre a total inadequação entre o modelo que aspira o binômio terminalidade/continuidade e a realidade vivida pelos que experenciam tal proposta, cabem aqui alguns comentários sobre as implicações das conclusões de nosso estudo.

Como se observou, enquanto questionamos a capacitação do aluno para o trabalho, numa perspectiva tecnicista, pois serviria apenas para intensificar as desigualdades sociais, a maioria destes alunos já estão efetivamente inseridos no mercado de trabalho e buscam na escola o diploma como "passaporte legal" para uma "situação melhor de vida" que esperam alcançar com o ingresso na Universidade.

Observou-se, também, que a maioria dos alunos não encontra um significado social para o trabalho. Limitam seu sentido ao bom adiestramento desta ou daquela profissão e confundem o produto humano do trabalho com sua remuneração econômica e nesta vertente dirigem suas aspirações profissionais. Revelam enfim ausência de consciência do verdadeiro papel da escola e do significado psicológico e social do trabalho humano.

De outro lado, a grande maioria dos alunos buscam na escola de 2º grau um sentido específico, um significado pessoal para a experiência que estão vivendo enquanto alunos do 2º grau. Se de um lado têm presente que esta escolarização é uma mera passagem para a Universidade assim e com bastante ênfase, buscam um sentido pessoal para esta experiência e revelam que na estrutura atual de nosso ensino de 2º grau não existe espaço para configurarem-se projetos de realização pessoal.

Quanto aos professores e membros das equipes técnicas das escolas demonstraram uma consciência crítica aguda em relação à inadequação da proposta de continuidade e terminalidade contida na Lei 5692 às condições reais de quem está vivenciando a experiência do ensino de 2º grau. Dentre as expectativas mais incongruentes destaca-se a crença por parte dos professores na necessidade de se reforçar enfaticamente a formação geral do aluno através das disciplinas básicas do currículo em vez de investir em demais disciplinas tidas como técnicas do elenco das habilitações específicas pois até o caráter técnico destas disciplinas acha-se altamente comprometido com as condições estruturais de nossas escolas (ausência de laboratórios, equipamentos e falta de valorização ao aperfeiçoamento profissional do educador).

Também pelos depoimentos dos professores e demais profissionais das escolas bem como dos empresários consultados pode-se observar que a grande problemática do ensino profissionalizante, além de impedir projetos pessoais de realização dos alunos, bem como embotar sua consciência em relação ao significado social do trabalho e da preparação para o trabalho, se revela no intrincado e pouco esclarecido vínculo escola empresa ou até quase poderíamos falar em ausência deste vínculo. O que fica bastante evidenciado para nós, é que a empresa nem mesmo precisa da escola para preparar o trabalhador e não aceita nem mesmo o mero adiestramento que se faz atualmente a não ser o dos trabalhadores preparados pelo SENAC e SENAI.

O que ficou claro para nós é que em nome de um ensino profissionalizante, a escola está desvinculada do trabalho e não é correto afirmar que esta desvinculação se dá apenas pela inadequação entre o que é ensinado e o que as empresas solicitam como qualificação. A relação é mais profunda e revela que a escola de 2º grau incorporou a própria divisão do trabalho em intelectual e manual dedicando-se a preparar "os que fazem" e não "os que pensam", como é sugerido na própria legislação que divide "a cabeça e as mãos". Embora difícil para a escola superar a própria contradição não cremos que a imediata revogação da 5692/71, como se pretende, seja uma solução para a recuperação da escola de 2º grau embora não seja possível deixar para um futuro remoto as reivindicações de melhoria na educação num projeto que deverá obrigatoriamente superar o pedagogismo e envolver outros setores da vida social que determinam as relações reproduzidas pela escola.

7. BIBLIOGRAFIA

- BARTLEY, Howard S. — *Princípios de Perception*, trad. de Serafin Mercado Domenech, México, Editorial Trillas, 1969.
- BETZ, Engle e MALLINSON — *Perceptions of Non-College Bound, Vocationally Oriented High Schools Graduates*, in "Personnel and Guidance Journal", 47 (10), 1969.
- CHESSWAS, J.D. — *Metodologia de Planejamento Educacional para Países Subdesenvolvidos*, trad. de Jefferson Barata, Rio de Janeiro, F.G.V., 1973.
- CUNHA, L.A. — *A Profissionalização no Ensino Médio*, Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca Ltda.
- *Política Educacional no Brasil: A Profissionalização no Ensino Médio*, Eldorado, Rio de Janeiro, 1977.
- *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1975.

- DIAS, J.A. — *Ensino Médio e Estrutura Sócio-Econômica*, MEC/INEP, 1967.
- ERIKSON, Erik H. — *Childhood and Society*, New York, W.W. Norton, 2 ed., 1963.
- *The Challenge of Youth*, New York, Anchor Books, 1965.
- Estudos dos Recursos Humanos das Escolas de 2º Grau do Estado de São Paulo: Dados Preliminares* — São Paulo: Fundação Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional — CENAFOR.
- GARCIA, V. — *Educação, visão teórica e prática Pedagógica*, Mc Graw Hill do Brasil Ltda, São Paulo, 1981.
- GAGE, N.L. — *Handbook of Research on Teaching*, Rauc McNally Chicago, 1963.
- GAHAGAN, Judy — *Comportamento Interpessoal e de Grupo*, trad. de Eduardo D'Almeida, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, *Secretaria da Educação* — *Estatísticas Escolares Básicas: Ensino de 1º e 2º Graus*, São Paulo, CERHUPE, 1975.
- HASTORF, SCHNEIDER e POLEFKA — *Percepção de Pessoa*, trad. de Dante Moreira Leite, São Paulo, Edgard Blucher, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.
- KERLINGER, F.N. — *Foundation of Behavioral Research*, 2ª ed. ed. Holt, Rinehart and Winston Inc., 1976.
- MOUSTAKAS and CLARK (ed.) — *The Self Exploration in Personal Growth*, New York, Harper and Row, 1956.
- NEWCOMB, T.M. — *Personality and Social Change: Atitude for Mation in a Student Comunity*, New York, Dryden, 1943.
- PEREIRA, L.C. Bresser — *Desenvolvimento e Crise no Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1973.
- SAVIANI, D. — *Análise Crítica da Organização Escolar Brasileira através das Leis 5540/68 e 5692/71* in W. Garcia (org). *Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento*, McGraw do Brasil Ltda, 1976.
- SIEGEL, Sidney — *Nonparametric Statistics for the Behavioral Sciences*, New York, McGraw-Hill Book, 1956.
- SILVA, G. Bastos — *Introdução à Crítica do Ensino Secundário*, Rio de Janeiro, MEC/CADES, 1959.
- VIEIRA, E. — *Modelos para implantação da Reforma de Ensino de 1º e 2º Graus: Formação Especial*, in Walter Garcia (org). *Educação Brasileira Contemporânea, Organização e Funcionamento*, McGraw-Hill do Brasil Ltda, 1976.